

Referências

ADRIÃO, Theresa; GARCIA, Teise. Oferta educativa e responsabilização no PDE: o plano de ações articuladas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 135, p. 779-796, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga e FRANCO, Creso. A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.) **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ANDRADE, Eduardo Carvalho de. *School Accountability* no Brasil: experiências e dificuldades. **Revista de Economia Política**, v. 28, nº 3 (111), p. 443-453, jul./set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

BALL, Stephen J. Cidadania Global, consumo e política educacional. In: SILVA, Luís Heronda (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

_____. Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação. **Currículo Sem Fronteiras**, v.1, n.2, p. 99-116, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/artigos.htm>>. Acesso em: 12 maio 2010.

_____. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa da Educação**. v.15, n.2, p. 3-23, 2002.

_____. Performatividade, privatização e o pós-estado do bem-estar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1105-1126, set./dez. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 21 maio 2010.

_____. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 539-564, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 21 set. 2010.

_____. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas e da pesquisa em política educacional. **Currículo Sem Fronteiras**. v.6, n.2, p. 10-32, jul/dez 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/artigos.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

BALL, Stephen J., MAGUIRE, Meg, BRAUN, Anette. **How schools do policy – Policy enactments in secondary schools**. Londres: Routledge, 2012. p. 1-42.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 120, nov. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 22 set. 2011.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: **A Miséria do Mundo**. 2^a. ed. Trad. Matheus S. Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1998

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12 jun. 2011

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm>. Acesso em: 10 jun. 2011

BRASIL. **Plano Nacional de Educação. Lei 10172/2001**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>> Acesso em: 19 out. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **PDE : Prova Brasil - ensino fundamental : matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf> Acesso em: 11 dez. 2011.

BRITO, Angela Xavier de; LEONARDOS, Ana Cristina. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, jul. 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

BROOKE, Nigel. O futuro das políticas de responsabilização educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p.377-401, maio/ago. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 out. 2011.

_____. Responsabilização Educacional no Brasil. **Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa**. v. 1, p. 93-109, 2008. Disponível em: <<http://www.rinace.net/riee/numeros/vol1-num1/art7.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2011.

_____. As novas políticas de incentivo salarial para professores: uma avaliação. In: FONTOURA, Helena Amaral da (org.). **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro3.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.) **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tomo 1. 11. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTIN, Cláudia. Um ano de Educação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07/01/2010. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/>>. Acesso em 13/01/2010.

COSTIN, Cláudia. Ginásio Carioca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 04/01/2010. Cad.1, p.3.

DAY, Christopher; ELLIOT, Bob; KINGTON, Alison. Reform, standards and teacher identity: Challenges of sustaining commitment. **Teaching and Teacher Education**. v. 21, Issue 5, p. 563-577, jul. 2005.

ESTEBAN, Maria Teresa. Diferença, aprendizagem e avaliação: perspectiva pós-colonial e escolarização. In: ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J. (orgs.). **Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação: a consolidação do neotecnicismo no Brasil. In: FONTOURA, Helena Amaral da (org.). **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro3.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli E. D. de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001.

JORNAL DO BRASIL. “Anunciados por Paes, secretários focam aprovação automática e mendigos”. Rio de Janeiro, 07/11/2008. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/>>. Acesso em 12/01/2009.

JORNAL DO BRASIL. “Escolas devem ser oásis de paz, diz nova secretária de Educação”. Rio de Janeiro, 04/01/2009. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/>>. Acesso em 12/01/2009.

JORNAL DO BRASIL. “Prefeitura do Rio testará qualidade do ensino em 658 escolas”. Rio de Janeiro, 29/10/2009. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/>>. Acesso em 04/11/2009.

LEITE, Miriam S. Políticas públicas e escola: sobre estatísticas, professores e diferença. In: FONTOURA, Helena Amaral da (org.). **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro3.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

LOPES, Alice Casimiro. Política de currículo: recontextualização e hibridismo. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n.2, p. 33-52, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/artigos.htm>>. Acesso em: 01 set 2010.

_____. Discursos nas políticas de Currículo. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n.2, p. 33-52, jul./dez. 2006a. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/artigos.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2010.

_____. Relações macro/micro na pesquisa em currículo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p.619-635, set./dez. 2006b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 01 jun. 2010.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGUIRE, Meg e BALL, Stephen J. Discursos da reforma educacional no Reino Unido e Estados Unidos e o trabalho dos professores. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa. v. 2 , n. 2 , p. 97 - 104, jul./dez. 2007.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p.47-69, 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 16 maio de 2010.

_____. **Reinterpretando os Ciclos de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Comentários sobre o texto “Voices/political networks and a global neoliberal curriculum”, de autoria de Stephen J. Ball**. IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares. João Pessoa: UFPB, 2009.

MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 106, p.303-318, jan./abr. 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 2 maio 2010.

MAINARDES, Jefferson; STREMEL, Silvana. A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. **Revista Teias**, v. 11, n. 22, p. 31-54, maio/ago. 2010.

MARTINS, Joana. Secretária de Educação anuncia os resultados da Prova Rio e do AlfabetizaRio. **O Globo**, 05/05/2011. Disponível em: <<http://www.oglobodigital.com.br>> Acesso em 7 maio 2011.

MORAIS, Ana Maria; NEVES, Isabel Pestana. Basil Bernstein: Antologia. **Revista de Educação**, X(2), p. 149-159, 2001. Disponível em: <<http://revista.educ.fc.ul.pt/>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

MORAIS, Ana Maria; NEVES, Isabel Pestana. A teoria de Basil Bernstein: alguns aspectos fundamentais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 115-130, jul./dez. 2007.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Propostas curriculares alternativas: limites e avanços. **Educação & Sociedade**, v.21, n.73, p.109 - 138, 2000. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 21 maio 2010.

PAUL, Jean-Jacques; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. Qualidade docente e eficácia escolar. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 01 jun. 2010.

REY, Beatriz. Por trás dos números. **Educação**, v. 171. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/171/por-tras-dos-numeros-234971-1.asp>>

ROXO, Sérgio. Currículo único à vista nas escolas do país. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2/01/2012. Cad. 1, p. 4.

SAMMONS, Pam. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.) **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. Bernstein e o campo educacional: relevância, influências e incompreensões. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 120, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 09 set. 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, **Multieducação - Núcleo Curricular Básico**. Rio de Janeiro, 1996.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, **Atualização Multieducação: Temas em debate – Princípios Educativos e Núcleos Conceituais**. Rio de Janeiro, 2006a.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, **Atualização Multieducação - Trocando ideias**. Rio de Janeiro, 2006b.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo**, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Marcelo S. P. da. Políticas educacionais no contexto dos governos Lula (2003-2010): Elementos para análise, apontamentos para novos estudos. In: FONTOURA, Helena Amaral da (org.). **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de

Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em:
<<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro3.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

SLAVIN, R. E. **Salas de aula eficazes, escolas eficazes:** uma base de pesquisa para reforma da Educação na América Latina. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. (PREAL; n. 4).

SOARES, José Francisco. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 135-160, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 09 jun. 2011.

SOUZA, Donaldo B. de; FARIA, Lia C. M. de. Reforma do Estado, descentralização e municipalização do ensino no Brasil: a gestão política dos sistemas públicos de ensino pós-LDB 9.394/96. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 925-944, out./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 01 dez. 2011.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação no cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir et al. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2003. p.184-205.

VAN ZANTEN, Agnès. Comprender y hacerse comprender: como reforzar la legitimidad interna y externa de los estudios cualitativos. **Educación e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, ago. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 18 maio 2010.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N. et al. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2003. p.285-309.

Anexos

ANEXO 1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Roteiro para a entrevista semiestruturada com o professor

- 1) Em qual série você atua ?
- 2) Você leciona em outra escola além desta?
EM CASO POSITIVO: Pertence a qual rede e em que série?
- 3) Há quanto tempo você dá aulas?
- 4) E nesta escola, está trabalhando há quantos anos?
- 5) Quais são os maiores desafios do seu trabalho?
- 6) Na série em que você leciona, qual é o seu maior objetivo com relação à aprendizagem de seus alunos, o que você considera que eles não poderiam deixar de aprender nesta série?
- 7) Como são definidos os conteúdos de cada componente curricular que deverão ser ensinados em cada série?
- 8) E a forma de ensiná-los, como é estabelecida?
- 9) Você registra o planejamento de suas aulas?
EM CASO POSITIVO: Ao organizar seu planejamento de aula, quais são as suas prioridades?
- 10) Quais materiais didáticos são utilizados em sala de aula?
- 11) São propostos trabalhos em grupos? EM CASO POSITIVO: Como acontecem?
- 12) Com que frequência são propostos deveres de casa? Como é feita a correção?
- 13) Como são trabalhados os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ?
- 14) Que tipo de orientação é dada para os alunos sobre as avaliações que serão realizadas?
- 15) Com as novas estratégias propostas pelas atuais políticas curriculares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (Descritores, Cadernos de Apoio e Avaliações Bimestrais), o que mudou na organização da sua rotina em sala?
- 16) Quais os impactos destas avaliações no seu planejamento curricular?
- 17) Como tem sido o resultado de seus alunos nestas avaliações?
- 18) Qual a influência dos resultados dos alunos nestas avaliações na organização de seu planejamento?
- 19) Quais foram as conquistas e quais são os desafios destas mudanças?

ANEXO 2

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Roteiro para a entrevista semiestruturada com a Coordenadora

- 1) Quais séries você coordena ?
- 2) Você trabalha em outra escola além desta?
EM CASO POSITIVO: Pertence a qual rede e em que série?
- 3) Há quanto tempo você trabalha na coordenação?
- 4) E nesta escola, está trabalhando há quantos anos?
- 5) Quais são os maiores desafios do seu trabalho?
- 6) Como são definidos os conteúdos de cada componente curricular que deverão ser ensinados em cada série?
- 7) E a forma de ensiná-los, como é estabelecida?
- 8) Quais materiais didáticos são utilizados em sala de aula?
- 9) Como são trabalhados os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ?
- 10) Que tipo de orientação é dada para os alunos sobre as avaliações que serão realizadas?
- 11) Com a realização das avaliações bimestrais propostas pela SME e das outras avaliações externas (Simulados, Prova Rio e Prova Brasil), o que mudou na organização das aulas?
- 12) Quais os impactos destas avaliações no planejamento curricular?
- 13) Como tem sido o resultado dos alunos da escola nestas avaliações?
- 14) Qual a influência dos resultados dos alunos nestas avaliações na organização do planejamento?
- 19) Quais foram as conquistas e quais são os desafios das mudanças propostas pela SME/RJ?

ANEXO 3

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Roteiro para a entrevista semiestruturada com a Diretora e a Diretora Adjunta

- 1) Quanto tempo você tem de carreira educacional?
- 2) E nesta escola, está trabalhando há quantos anos?
- 3) Há quanto tempo você trabalha na direção?
- 4) Quais são os maiores desafios do seu trabalho?
- 5) Com a realização das avaliações bimestrais propostas pela SME e das outras iniciativas curriculares, como os Descritores e os Cadernos de Apoio, o que mudou no trabalho dos professores desta escola?
- 6) Quais foram as conquistas e quais são os desafios das mudanças propostas pela SME/RJ?
- 7) Qual tem sido a reação do seu grupo de professores à estas mudanças?

ANEXO 4

Entrevista com a Professora 6 - 11/06/2011

Entrevistadora: Bom, primeiro eu queria saber em qual série você atua?

Professora 6: Ano 1. [primeiro ano]

E: E você dobra?

P6: É, tenho duas turmas, de ano 1, aqui, no primeiro e no segundo turnos.

E: E tem quanto tempo que você dá aula de uma forma geral e quanto tempo nesta escola?

P6: 45 anos que eu trabalho com educação e aqui eu tenho 21 anos, só aqui na [nome da escola]... eu sou a mais velha... Ai, meu Deus! [risos] A mais antiga da escola, a mais velha é a diretora! Fica quieta! [risos]

E: E você sempre trabalhou com as crianças menores ou já trabalhou com outras séries?

P6: Não, não... porque geralmente, no Ensino Fundamental, havia, até algum tempo atrás, uma norma. Você escolhia o turno, por antiguidade na escola, e turma a diretora/o diretor que cedia para o professor, de acordo com o critério dele. Agora, isso já mudou, porque agora nós podemos conversar e dizer a preferência do ano. Eu já peguei tudo, de todas as séries do Ensino Fundamental, até o antigo “Aluno Especial”, que hoje tem várias classificações para o aluno.

E: Mas a sua preferência...

P6: É ano 1, alfabetização. Quer dizer, era até agora... porque a coisa está ficando feia pra burro! Está difícil...

E: Eu ia mesmo te perguntar: quais são os maiores desafios do seu trabalho?

P6: O maior desafio do nosso trabalho é a família, na realidade. Porque a clientela está se modificando e está com comportamentos cada vez mais agressivos, a cada ano. Por exemplo, eu tenho duas turmas esse ano. A parte da manhã é muito mais difícil de se trabalhar do que a parte da tarde, porque eu tenho crianças, poucas crianças, com um nível de agressividade muito grande. Eles são agressivos, eles ameaçam os colegas, eles batem, eles agridem verbalmente, fisicamente... E isso já foi... a escola está tentando, desde o início do ano, fazer com esse quadro se reverta, mas nós não estamos conseguindo, não estamos. Porque a família não colabora com essa parte, ela simplesmente... você chama, como já aconteceu varias vezes esse ano, registra em ata os acontecimentos, e a família não colabora com a escola, não faz uma parceria conosco. Embora a escola tente isso sempre, é exaustivo. Eu até às vezes sinto que eu canso um pouco o pessoal da escola, mas se eu não fizer isso o trabalho não acontece, porque o trabalho é em equipe. Eu não sou... o aluno não é meu, o aluno é da escola. Então aqui na [nome da escola] todos nós, um ajuda o outro, é o colega de sala, é a direção da escola, é a professora da sala de recursos, sempre estamos juntos. Agora o maior desafio é esse: a parceria com a família. Por exemplo, essas crianças têm necessidades especiais, não são... não é assim aquela necessidade especial daquela criança que tem uma síndrome, é um limite, você percebe que é uma falta de limite, uma instabilidade emocional em casa e que a família não assume isso, ela joga para a escola, indiretamente, ou seja, ela ouve o que você tem que falar, não toma atitude nenhuma com o filho, até mesmo o encaminhamento que é feito pela escola não é efetivado... E isso faz com que você se divida, porque não dá para fazer, para trazer essa criança... para despertar nela o interesse

na aprendizagem que ela não tem. Você tem que passar pelo emocional sempre. E é difícil, porque eu não consegui isso com dois alunos ainda, três.

E: É muito pouco tempo para fazer muita coisa, né?

P6: Para você ter uma modificação, né? Você pode modificar o comportamento, mas é uma coisa assim... eu, pelo menos, acho que é uma coisa assim muito difícil você ter que fazer tudo ao mesmo tempo. Você alfabetizar, você tem que fazer com que essa criança... vem criança que não tem hábito nenhum, não sabe pegar no lápis, não fala coisa com coisa, tem uma oralidade comprometida, precisa de tratamento, alguns precisam, ou pela questão da agressividade ou tratamento mesmo, precisa de fono, sabe? Aí você fala com os pais e percebe que há uma lentidão muito grande na resposta da família a esse encaminhamento feito pela escola. Porque a escola não pode fazer... a escola tem a parte dela, é o ensino formal. E isso não está acontecendo, você está tendo que fazer o trabalho da família. Aí, isso daí dá um comprometimento grande. Compromete o seu trabalho...

E: E o que você acha que, até o final do ano, seus alunos não podem deixar de aprender para irem para a série seguinte? O que você coloca como fundamental na sua série?

P6: A parceria da família, continua sendo a parceria da família. Por quê? Porque eles têm que ter uma estabilidade emocional que eles não têm. Se você não tem isso, você fica comprometida. Então eu acho que se a família está junto com seu filho, com a escola, trabalhando seu filho em casa junto com o que a professora está trabalhando na escola, flui. Toda criança que tem essa estabilidade familiar emocional, elas caminham com muita tranquilidade. Existe a criança que tem essa estabilidade emocional, mas ele precisa de um acompanhamento de um profissional da saúde. E tem aquela criança que não tem essa estabilidade emocional, ela está completamente perdida, e a escola não está dando conta de fazer isso. Por quê? Porque o laço é diferente, o emocional é diferente. Então esse desafio continua pra mim, sendo o familiar. Você não supre essa necessidade que a criança tem, esse elo de sangue, de carinho...Eu sou muito carinhosa, por mais amiga que você seja, você não supre esse lado. São apenas quatro horas. Você tem que ter... é uma luta muito grande dentro de uma sala de aula. Primeiro porque você não consegue atenção de todos, a atenção fica bem dispersa, muitas vezes. Você tem um período mínimo para prender a atenção. Aí começa a inquietação natural deles, também você não pode exigir que eles fiquem ali quatro horas prestando atenção. Daí essa necessidade também dessa parceria família e escola, escola e família. Se os dois caminham juntos, a criança vai. Mas é caminhar juntos em todos os sentidos, não é só fazer o trabalho de casa ou fazer trabalho de casa pelo filho. Trabalho de casa é sentar junto... A gente sabe, né? A gente tira por mães, a gente também, além de professor, tem as obrigações da nossa família. E muitas vezes a gente também tem, por exemplo, eu tenho a minha neta, com quem eu tenho que fazer o trabalho de casa. Sempre tive filhos, meus filhos iam comigo para o colégio e eu fazia com eles o trabalho de casa quando chegava em casa. É toda uma dinâmica na sua vida que você tem que assumir. Você não quis ter o filho? Então você tem que ter a disponibilidade de tempo para ele. Não adianta dizer “eu não consigo”, quando você tem que conseguir... você teve o filho, você tem que fazer. Então, esse é o grande desafio, a conscientização desses responsáveis para que eles assumam suas responsabilidades e não passem para o colégio isso. Não sei se eu respondi...

E: Acho que esse é um grande desafio... mas tem algumas competências, alguns conteúdos, que tem que ser fechados naquela determinada série. Quem define isso? Como é feito esse planejamento?

P6: A gente define em grupo. Nós temos as Orientações da Secretaria de Educação, as metas para cada ano, o que se tem que dar, essas competências, esses conteúdos para cada ano, né? Isso é determinado pela Secretaria da Educação e cada escola adapta esses conteúdos ao seu PPP, porque toda escola tem um Projeto Político Pedagógico. E essa orientação que vem da Secretaria de Educação ela é feita individualmente, ou seja, em cada escola se faz o planejamento de acordo com o seu PPP, em grupo. Nós fazemos isso em grupo. A escola inteira engajada nesse processo, cada série fazendo o seu planejamento, a

sua orientação, a sua linha de trabalho... por série, mas dentro da escola, com assessoria da direção do colégio.

E: E a forma como você vai ensinar? Se você vai usar uma metodologia...

P6: Cada um faz o seu. Aqui, a gente tem a liberdade com o método ou com a prática que você se sinte segura para fazer. No meu caso, eu não trabalho direto com o construtivismo, eu trabalho com uma mistura de coisas, porque eu parto da história, do texto. Porque o texto está sempre contextualizado. Você tem a história e dali você contextualiza isso com o que você puder, por exemplo, o primeiro texto que nós tivemos foi “Jogo de Bola”, da Cecília Meireles. Então isso veio no Caderno de Língua Portuguesa que a gente recebeu, e dali, daquele texto, você parte, contextualiza com jogos de bola, regras, o que você gosta mais, listagem de jogos, a palavra bola, mistura: o que você pode fazer, faz paradigma, começa a trocar letras para ver qual a diferença, fazendo isso tudo junto com eles, BOLA, BELA, BALA, BULE... E aí você já tem dois fonemas lançando aí, que é o B e o L, com o B e o L você já pode fazer a sílaba, dependendo do grupo que você está trabalhando, ou não, ou eles já pegam e assimilam sem você precisar fazer a silabação, a família silábica. Aí você contextualiza com diferentes tipos de jogos, eles sempre tendem pro futebol, né? Paixão nacional... Aí você faz uma listagem, então você vai contextualizando da melhor forma possível.

E: Quem define essas atividades é você, né?

P6: É o professor. A gente pode, dentro deste texto, trazer outros textos. Tem um que é do tatu-bola também. Aí, você vai...”Jogo de bola”, tem esse da Cecília Meireles e tem o da Mary França e Eliardo França. E você pode fazer N textos sempre colocando aí e deixando que eles escrevam livremente... aí você sai criando que nem uma louca dentro da sala, muito legal! É muito bom!

E: E você trabalha com quais materiais, nesse contexto? O primeiro ano tem livro?

P6: O primeiro ano tem o Caderno de Apoio, que são enviados pela SME, tem os textos que eu faço a contextualização, que são da minha escolha, e eles também têm dois livros diferentes que a escola forneceu, foi uma escolha da escola do livro didático. Não sei vai continuar, mas esse ano ainda tem. Eu estou usando como apoio, para trabalho de casa. Você sempre tem que ter um trabalho de casa, porque é um hábito a adquirir, é fundamental. É esse trabalho de casa que vai dar o elo com a família.

E: Você faz correção desse dever de casa?

P6: Diariamente. Eu faço individual, cada um eu quero ver o trabalho. E eu dou um retorno para a família, diariamente. Não adianta, eles não assinam os bilhetes, não veem...

E: E eles trabalham em grupos em alguns momentos?

P6: Eu faço a minha turma em “U”. eles têm uma visão tanto do quadro como do final da sala. O grupo eu deixo mais para as atividades lúdicas, aí eu faço em grupos. E dentro dessas atividades lúdicas, eu faço leitura e escrita, leitura principalmente. Não é sempre o grupo.

E: Os alunos já fazem algumas avaliações no primeiro ano, né? Como você orienta com relação à preparação para essas avaliações? Você tem alguma orientação? Porque deve ser a primeira experiência deles, né?

P6: São os tipos de exercícios. A gente procura dar tipos de exercícios de acordo com o que vem. A gente tem mais ou menos uma ideia do que a Secretaria vai mandar e fazemos bastante exercícios de acordo com o tipo que eles mandam. Isso aí já deixa eles mais a vontade. Não fico assim: “ah, vocês vão fazer uma prova, vocês têm que acertar!” não fico. Essa prova, para eles, é mais um exercício, eu procuro colocar como “um exercício diferente que a gente vai guardar isso para, no próximo exercício igual a esse, saber se vocês melhoraram ou se pioraram ou se ficaram igual. Aí a gente vai conversar”. A primeira vai ser em julho.

E: Eles ainda não fazem, no primeiro ano, aquela bimestral que a Secretaria manda?

P6: Não, a prefeitura só vai mandar no começo de julho. Ela ia mandar agora no final do primeiro bimestre, mas todo mundo reclamou porque não estávamos conseguindo avançar no Caderno e aí eles deixaram para fazer a primeira prova em julho.

E: Com a realização dessas provas que vem da Secretaria e mais as outras avaliações, Provinha Rio e outras, o que mudou na organização da sua rotina?

P6: Nada, na minha não mudou nada. Porque isso é um exercício, eu passo para eles como um exercício. Não mudou nada. No início do ano, do jeito que foi passado para nós, o caderno teria que ser o norte. Aí a coisa começou a ficar um tanto quanto preocupante, até porque a diagramação, a foram como o Caderno como foi organizado, dificultava para o aluno. A letra, a diagramação, a mistura de *script* com *bastão*. Havia uma dificuldade das crianças se encontrarem ali. E você trabalhar isso, cada um com seu Caderno, numa turma de 27, é muito complicado... Quando você conseguia que todo mundo se achasse, o primeiro já não queria mais fazer. Então isso foi criando, foi dificultando o trabalho. Aí eu comecei a ficar agitada, comecei a ficar nervosa, preocupada, aí eu conversei e o pessoal falou: “Valéria, olha só...” Não sei se sou só eu, eu estou falando por mim, eu tenho duas turmas, são três turmas de ano 1. Aí eu comecei a ficar muito angustiada, porque eu não via o trabalho caminhar. Aí eu conversei com a [nome], que é professora da sala de recursos, conversei com [nome da coordenadora], elas estavam vendo a minha angústia! Eu falava: “Eu não vou conseguir, não vou conseguir, não vou conseguir!” Chorei...chorei muito, entrei em pânico! [a professora começa a chorar] Até hoje eu engasgo ainda, sabe? E “eu não vou conseguir...” Aí: “Para tudo!” Aí eu falei: “Olha só, eu vou largar isso e realmente vou fazer do meu jeito.” Aí comecei a fazer do meu jeito. Aí eu transformei, o norte passa a ser eu, na minha experiência, e o Caderno como Apoio. Aí eu relaxei. Ainda estou angustiada, porque o ano 1 deixa você angustiada quando você não vê o resultado imediato, mas você também não pode, você tem esperar até setembro. Você tem que saber, porque a cada dia que passa a clientela que você recebe é a mais diversa. É impressionante! É muito diferente, é quase como você dar aula... Quem já está lendo não te preocupa, agora aquele que não está, “o que eu vou fazer por essa criança?” Então você para e começa tudo de novo. Você sabe que às vezes o resultado não ocorre naquele ano, vai acontecer no ano seguinte, né? E acontece no primeiro semestre do ano seguinte. O tempo de cada um. Mas você tem que se conscientizar de que ele vai armazenando. E você tem que relaxar, mas é relaxar no sentido de que você ter que entender essa parte do tempo e você se adaptar, você se adaptar a esse tempo da criança. Mas todo ano é isso, depois, no final do ano é uma vitória.

E: Depois a gente fica gratificada, né?

P6: Por isso que eu quero ano 1... os grandes eu não quero não.

E: e como tem sido os resultados dos seus alunos nessas avaliações externas?

P6: Olha, eu não tenho contato com as provas, mas eu tenho contato com o professor [da série seguinte]. Então minha turma está com a [nome da professora do segundo ano] e ela sempre me mostra as produções, eles estão escrevendo textos. Por exemplo, tem a história, ela conta e eles reescrevem essa história. Claro que a norma culta está ... mas eles escrevem, eles têm uma organização espacial. Todo o trabalho que a gente fez durante o ano inteiro, surtiu efeito. Está surtindo.

E: Nesta última mudança na política no Rio de Janeiro, a gente teve a implementação de Descritores para cada série, os Cadernos de Apoio, as Avaliações Bimestrais... quais que você acha que são as conquistas e os desafios destas mudanças?

P6: Desafio, quer dizer, eu acho que é: turmas imensas, a falta, mais vez, do familiar, do emocional, essa assistência... a escola está fazendo tudo que pode, mas tem ainda determinadas práticas, determinadas cobranças que precisam ser feitas, e que não são feitas. Eu acho que falta uma infraestrutura, nós temos parceiros, mas tem escolas na rede em geral, que não tem apoio. Aqui nós temos apoio, temos a psicomotricidade, teatro, temos aula de informática, aula de educação física. Muitas escolas só tem aula de

educação física. A [nome da escola] tem toda uma infraestrutura que favorece o desenvolvimento desses alunos, porque eles não ficam só o tempo todo com um professor, eles têm vários, tem a contação de histórias... Eu acho que a dificuldade individual de cada criança não está sendo vencida. Mas, no geral, eles estão tendo todo o apoio. A dificuldade é que cada vez mais tem criança com problema, cada vez mais tem criança com diferentes problemas: é síndrome, é comportamento, é porque agora são tantos nomes que aparece... E isso tudo é um trabalho a longo prazo, não é um trabalho a curto prazo. Eu acho que vai melhorar mas não a curto prazo, a longo prazo. Até porque um tratamento, uma recomposição emocional ou de uma doença mais séria, isso demora a ser feito. E nossas crianças estão cada vez mais com esse tipo de demanda. Eu tenho muita criança que, de repente, é só o meio... a escola... acho que eu estou divagando! A escola tem os meios para as coisas serem feitas, mas às vezes ela emperra em determinadas atitudes que tem que ser tomadas pela burocracia. Por exemplo, você exigir que uma criança tenha um tratamento e o responsável não leva essa criança, você não pode fazer nada. Você vai fazer o quê? Não pode fazer nada... Então o que a escola se propõe a fazer, ela está lutando desesperadamente para fazer. Estou falando em termos de [nome da escola]. Agora, trabalhei em outras escolas que realmente... se você não fizer enquanto professor ninguém vai fazer. Aqui a gente trabalha em equipe, um ajuda o outro. Agora, é difícil, é demorado, existem barreiras que a gente tem que ultrapassar. Mas em termos de [nome da escola], a gente está fazendo o máximo possível, mas esbarramos exatamente nas famílias... voltamos na questão familiar nas diferenças entre o pai e a mãe, nas diferentes linguagens das quais a criança participa e traz para a escola. Essas experiências que elas têm... muitas vezes você tem a impressão de que você não está dizendo nada para ela. Eles vêm porque a mãe manda vir, entendeu? Então essa conscientização eu acho que precisa ser bastante enfatizada para a criança. Sobre a educação, a infância, dessa parte de educação, do tratar o outro, a gente está fazendo muito isso, porque eles não têm nada disso. A gente esbarra muito nessa parte comportamental, esse é o grande desafio, essa parte comportamental. Porque às vezes eles acham que você está cobrando demais e entram em choque com você. É uma perda de tempo você ficar repetindo aquilo... por exemplo, você vê a mãe desse menino que eu tenho que me xingou, essa mãe vem sendo trabalhada desde fevereiro, gente! Desde fevereiro e nada acontece... E essa criança impede o meu trabalho. Esse outro menino que eu botei sentado ali, ele é repetente. O ano passado essa criança jogava as coisas, se jogava no chão, só faltava bater nos outros. E isso daí você tem que perder um tempo... você tem que largar todas as outras crianças. Por isso é que eu ligo aqui para baixo: “olha só, ele está fazendo isso, isso e isso. Eu não posso largar e ir correndo atrás... não vou fazer isso.” Porque sabe o que acontece? Isso faz com que eles não sintam a autoridade. “Ela está igual a mim, está brincando de esconder comigo...” não é esse o objetivo... Eu não sei se eu estou respondendo a sua pergunta...

E: Sim... eu entendo a sua angústia com essa questão da disciplina...

P6: Não é só... você não quer que eles fiquem calados o tempo todo. Mas você quer o respeito, eles têm que respeitar os colegas, eles não podem bater, não podem botar o pé para o coleguinha cair, não podem obrigar, ameaçar o colega, ele não pode xingar. Porque quando ele vai na igreja, lá onde tem o pastor, eu falo com eles: “quem vai na igreja que tem padre? Quem vai na igreja que tem pastor?” É assim que eu falo com eles... Tem gente que vai nos dois... [risos] Não pergunto quem vai no terreiro, qualquer dia eu pergunto...por que não? Aí você vê, olha assim, e pensa: Meu Deus, por que eles estão assim?

E: Tem o comportamento de cada espaço, né?

P6: ...em cada espaço... porque, você já trabalhou aqui o ano passado, tem horas que isso daqui... parece que eu estou num hospício. Eu tenho a impressão... Um barulho ensurdecador... parece que você está numa feira... nem a feira de São Cristóvão, só quando todos os palcos começam a tocar, aí é uma loucura! Então não é o espaço para gritos, para xingamentos... então, como é que se faz isso? A gente não está sabendo organizar isso... eles vêm com uma vitalidade, uma energia, com uma força... e você fala é como se você não estivesse falando. O recurso que eu encontrei para que eles se acalmassem, foi botar a mochila em cima da

mesa e deitar a cabecinha para respirar. A única coisa, no momento que eu consigo que eles se acalmem. Por que não tem como trabalhar com eles depois que eles vêm de uma aula de educação física... Então o que você faz? Todo mundo acalma, cinco minutinhos, aí respiram fundo, tira aquele suor, aquilo sai um pouco... Aí eles vão lavar as mãos com sabão. Mas assim mesmo alguém grita: Ô tiiiia! Quando eles falam “Ô tia!” já pode saber que alguém aprontou. Essa dificuldade que eles têm de compreender, de cumprir regras, é muito forte, e cansa. Eles não têm essa... Você já percebe, se eles não cumprem, eles não têm limites. É um trabalho do dia-a-dia. Uma vez só falar não adianta. Tem horas que você fala um pouco mais ríspido. Quando? Quando você já falou umas dez vezes, e a criança não te ouviu. “Meu filho, senta! Fulano, senta!” E você tem a imaturidade e toda essa falta de limites, de organização. Eles mostram isso muito claramente para nós...e isso, se você não concentra, se você não consegue sentar e não consegue manter uma posição... minha filha, olha, é quinze minutos no máximo para cada atividade. E assim mesmo você tem que fazer um trabalho entre uma e outra para eles respirarem, se não, perdem a noção.... Eu não sei se eu respondi o que você perguntou.

E: Ah... muito obrigada!

ANEXO 5



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

QUESTIONÁRIO

Caro/cara professor/professora,

O presente questionário é parte integrante da pesquisa que estamos desenvolvendo na escola, sobre o currículo, prática docente e as políticas públicas. Neste momento, precisamos mapear o quadro docente da escola e contamos com a sua colaboração respondendo as questões que se seguem.

O questionário é individual e não requer identificação nominal. Os dados têm caráter confidencial e seu acesso é restrito.

Desde já, agradecemos sua participação.

Ana Cristina Prado de Oliveira
Mestranda da PUC-Rio

Maria Inês Marcondes
Professora da PUC-Rio

1) Série e turno em que trabalha:

2) Tempo de carreira:

3) Tempo nesta escola:

4) Quais foram as principais mudanças pedagógicas no seu trabalho nos últimos três anos?

5) Os índices do IDEB apontam a melhora do desempenho dos alunos desta escola nos últimos anos. A que você atribui isto?

ANEXO 6

QUADRO 1 – Tabulação das respostas das professoras entrevistadas à pergunta 5 do roteiro: *Quais são os maiores desafios do seu trabalho?*

Professora 1	<p>Os maiores desafios... São assim... é... Implantar neles o gosto pelo conhecimento porque <u>eles não têm em casa incentivo</u> que os leve a querer mais. Então, eu tenho que estar sempre lançando desafios para eles sentirem que eles podem e quererem crescer mais. Eu sinto que em casa, depois que eles se alfabetizam... termina a função dos pais, eles querem ver as crianças lerem. Depois que eles aprender a ler, assinar o nome, eles já saem, não dão mais aquela assistência das séries iniciais. Então o trabalho todo (fica) por conta da escola, <u>pai não vê dever de casa, pai não quer saber... então a escola faz todo o trabalho, da casa e da escola.</u></p>
Professora 2	<p>[...] assim, o maior desafio mesmo hoje, para o trabalho do professor, é <u>o afastamento da família, né?</u> E você ter que se despir de alguns valores, porque antigamente o professor era o sabe-tudo, era o centro do saber. Então este desafio de ter que se despir destes valores, de que você sabe tudo e a criança chega nula, ainda é difícil para o professor. A criança não chega aqui nula, a criança vem cheia de saber, né? E você é que tem que desembulhar esse pacotinho, mas nesse pacotinho tem essência, entendeu? Então esse desafio de você trabalhar com essas essências, essas múltiplas essências, é muito grande. Eu acho que o maior desafio é esse mesmo, você saber trabalhar com essas várias pessoas que chegam aqui, esses vários indivíduos, que <u>nem sempre são aceitos pela família</u>, eles não são, na minha opinião, certas crianças não nem consideradas indivíduos... eles são apenas frutos de relações. E quando essas relações acabam, dos pais, estas crianças são meros expectadores e como se fosse em um tabuleiro de damas, <u>eles vão manuseando e jogando com estas crianças, nos lugares em que elas devem ir, desde que não atrapalhem a vida deles. Então, isso é muito sério...</u></p>
Professora 3	<p>Hoje? Eu penso que é, em primeiro lugar, os valores que mudaram muito, então <u>você encontra crianças e seus respectivos responsáveis – pais, avós, mães – com uma visão de mundo, muitas vezes... quer dizer, o que desafia a gente?</u> [...] Acho que há uma falência das instituições, que é um momento em que a gente precisa repensar tudo isso. [...] Hoje não, <u>é muita infantilização, muito paternalismo com a criança</u>, com o adolescente, tudo não pode, como se eles fossem incapazes e eles não são. [...] uma outra coisa que eu também acho que é um grande desafio é o seguinte, uma coisa que eu comecei a fazer uma pesquisa minha, assim, da minha vida dentro da sala, desde do Ciep – o Ciep era uma escola de horário integral para que as mães trabalhassem. Um belo dia, eu comecei a perceber que isso não era verdade, eu fiz uma enquete numa turma e descobri que somente seis alunos tinham mães que trabalhavam. E era uma turma de trinta e tantos... então eu comecei a ver que não era nada disso, que existe um certo paternalismo por parte do Estado [...] Outra coisa que eu sempre faço, todos os anos, já tem um tempo, eu comecei a perceber que os meus alunos têm avós que são mais novas do que eu. <u>A idade dos pais...</u> [...] Então são as duas coisas: <u>são mães muito criacionas e avós, criando, paternalizando, maternalizando</u>, criando como se fossem bebês para sempre, impedindo que a criança cresça... Existem vários casos!</p>

Professora 4	<p>O maior desafio é, para mim, assim, é <u>conseguir o apoio da família</u> no que a gente precisa, né? Porque a gente vê que <u>as crianças que têm as maiores dificuldades são aquelas que os pais não são presentes</u>. Então, assim, a dificuldade é <u>conseguir que esses pais estejam interirados com o que acontece, que venham a reuniões...</u></p>
Professora 5	<p>Eu acho que aprendizagem é pra vida. Conteúdo, quem sabe ler, aprende qualquer coisa, né? Mas tem coisas que a gente aprende na escola, ou vivencia na escola, essa coisa de você não andar pela cabeça alheia, mas pensar pela sua, ter autocrítica, rever sua postura, ter opinião própria, ter a sua opinião, não importa se é certa ou errada, ela é a sua opinião, baseada nas informações que você tem, se você tem muitas, você vai ter uma opinião mais abalizada, se você tem menos, você vai ter uma opinião menos abalizada... e se dar ao respeito, não abaixar a cabeça, mas entender que o se dar ao respeito vem muito relacionado à postura, à responsabilidade, isso é maneira de se dar ao respeito. Eu acho que isso é o mais importante, porque eles saem de um lugar em que eles tem uma “tia”, muitos estão aqui desde o jardim, e vão para um lugar em que eles vão ser mais um, com muitos professores, com muitos colegas diferentes... Então se eles não tiverem esta formação, eles vão sucumbir nesse mundo. Porque isso é básico pra vida... pra vida pessoal, pra vida profissional... presente e futuro.</p>
Professora 6	<p>O <u>maior desafio do nosso trabalho é a família, na realidade</u>. Porque a clientela está se modificando e está com comportamentos cada vez mais agressivos, a cada ano. Por exemplo, eu tenho duas turmas esse ano. A parte da manhã é muito mais difícil de se trabalhar do que a parte da tarde, porque eu tenho crianças, poucas crianças, com um nível de agressividade muito grande. Eles são agressivos, eles ameaçam os colegas, eles batem, eles agredem verbalmente, fisicamente... E isso já foi... a escola está tentando, desde o início do ano, fazer com que esse quadro se reverta, mas nós não estamos conseguindo, não estamos. <u>Porque a família não colabora com essa parte</u>, ela simplesmente... você chama, como já aconteceu varias vezes esse ano, registra em ata os acontecimentos, e <u>a família não colabora com a escola, não faz uma parceria conosco</u>. Embora a escola tente isso sempre, é exaustivo. Eu até às vezes sinto que eu canso um pouco o pessoal da escola, mas se eu não fizer isso o trabalho não acontece, porque o trabalho é em equipe. Eu não sou... o aluno não é meu, o aluno é da escola. Então aqui na [nome da escola] todos nós, um ajuda o outro, é o colega de sala, é a direção da escola, é a professora da sala de recursos, sempre estamos juntos. Agora <u>o maior desafio é esse: a parceria com a família</u>. Por exemplo, essas crianças têm necessidades especiais, não são... não é assim aquela necessidade especial daquela criança que tem uma síndrome, é um limite, você percebe que é uma falta de limite, <u>uma instabilidade emocional em casa e que a família não assume isso, ela joga para a escola</u>, indiretamente, ou seja, ela ouve o que você tem que falar, <u>não toma atitude nenhuma com o filho</u>, até mesmo o encaminhamento que é feito pela escola não é efetivado... E isso faz com que você se divida, porque não dá para fazer, para trazer essa criança... para despertar nela o interesse na aprendizagem que ela não tem. Você tem que passar pelo emocional sempre. E é difícil, porque eu não consegui isso com dois alunos ainda, três.</p>

Professora 7

Meu aluno quando não sabe ler, nossa... pra mim é a maior tristeza que me dá. Se o meu aluno sair da minha sala... Porque eu acho o seguinte, uma criança normal, que não tem nenhum comprometimento, [...] tirando isso, a criança tem condições de aprender a ler e escrever. Tem condições. Se é bagunceira, aprende a ler a escrever. Eu já tive crianças hiperativas aqui que aprenderam a ler e escrever. Então eu acho que a criança tem que acabar o primeiro ano sabendo ler e escrever. Em setembro eles têm que saber ler e escrever. Setembro, para mim, é o mês marco, entendeu? Eles têm que saber ler e escrever. Isso eu digo com vinte anos de trabalho com crianças nesta faixa etária. Se não aprender a ler e escrever, gente, tem algum problema, entendeu? Ou tem algum comprometimento como eu te falei, comprometimento sério, ou então não vem à escola, entendeu? Porque eu tenho aqui crianças que as mães não estão nem aí, a família é a maior bagunça, e aprende a ler e escrever. Por quê? Porque eu tenho que criar na sala um ambiente tal que eles sintam prazer. É por isso que eu digo pra você, eu não posso perder tempo. Eu não posso ficar brincando com meu aluno de roda o tempo todo. Eu sei que precisa fazer isso, precisa. Mas, infelizmente, eu não tenho tempo. Não tenho tempo pra ficar pintando com guache, não tenho tempo. Não tenho tempo pra ficar fazendo bonequinho de massa, não tenho tempo. Não tenho tempo para essas coisas. Aqui é aprender a ler e escrever.

ANEXO 7**DESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA
2º BIMESTRE - 2011
1º ANO**

- Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.
- Identificar letras do alfabeto.
- Identificar sílabas de palavras ouvidas e/ou lidas.
- Identificar sílabas finais de palavras ouvidas e/ou lidas.
- Ler palavras com sílabas simples.
- Ler palavras com sílabas simples e complexas.
- Ler frases com palavras que contêm sílabas simples e complexas.
- Reconhecer letras escritas de diferentes formas.
- Ler palavras.
- Reconhecer que textos não verbais são formas de expressão.
- Localizar informações explícitas em um texto.
- Identificar o valor sonoro das partes iniciais e/ou finais de palavras.
- Identificar a finalidade do texto pelo reconhecimento do suporte, do gênero e das características gráficas.
- Localizar informações explícitas em um texto.
- Escrever palavras de cor: o nome.
- Escrever palavras com apoio de figura.
- Completar frase com apoio de figura.
- Escrever frase ditada pelo professor/a.

ANEXO 8

**PREFEITURA
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO**

**LÍNGUA PORTUGUESA
PROVA 1º BIMESTRE
2ª ANO**

2010

QUESTÃO 1

VEJA O CARTAZ DO FILME A QUE FELIPE ASSISTIU NO CINEMA.



FONTE: <http://www.guiatere.com/teresopolis/cinema/detalhes-do-filme/alvin-e-os-esquilos-2.html>

O CARTAZ DO FILME MOSTRA QUE OS PERSONAGENS ESTÃO

- (A) AGITADOS.
- (B) ALEGRES.
- (C) CURIOSOS.
- (D) FAMINTOS.

QUESTÃO 2

UCI Brasil Ltda. 01289530/0005-98	
SALA 04	
ALVIN E OS ESQUILOS	
DATA	INGRESSO
11-01-10	MEIA
19:20	8,50
UCI – Av. das Américas 5000 www.ingressos.com.br	

MARQUE A PALAVRA QUE VOCÊ ENCONTRA NO INGRESSO DE CINEMA.

- (A) 11-01-10
- (B) 19:20
- (C) FILME
- (D) SALA

QUESTÃO 3

UCI Brasil Ltda. 01289530/0005-98

SALA 04
ALVIN E OS ESQUILOS

DATA	INGRESSO
11-01-10	MEIA
19:20	8,50

UCI – Av. das Américas 5000
www.ingressos.com.br

ESTE TEXTO SERVE PARA

- (A) ENTRAR NO CINEMA PARA ASSISTIR AO FILME.
- (B) INDICAR O MELHOR FILME EM CARTAZ.
- (C) LEVAR A PIPOCA PARA O CINEMA.
- (D) CONVIDAR PARA UMA FESTA.

QUESTÃO 4

ESTA É A LISTA DE NOMES DA TURMA DO 2º ANO.

	
ENZO	DÉBORA
ARTHUR	KAREN
GABRIEL	ANA
FELIPE	LUANA
ROBSON	VERA

ESTE CARTAZ INDICA

- (A) O NOME DOS PROFESSORES E DAS PROFESSORAS DA TURMA.
- (B) A MANEIRA DE ORGANIZAR OS MENINOS DA TURMA.
- (C) O NOME DOS MENINOS E DAS MENINAS DA TURMA.
- (D) A ORDEM DOS ALUNOS NA SALA DE AULA.

QUESTÃO 5

A PROFESSORA DO 2º ANO ESTÁ FAZENDO A CHAMADA DAS MENINAS DE SUA TURMA E A LISTA COM OS NOMES PRECISA ESTAR EM ORDEM ALFABÉTICA.


DÉBORA
KAREN
ANA
LUANA
VERA

MARQUE A ORDEM CORRETA DAS PALAVRAS.

- (A) ANA – DÉBORA – LUANA – KAREN - VERA
- (B) DÉBORA – KAREN – ANA – VERA - LUANA
- (C) LUANA – DÉBORA – KAREN – ANA - VERA
- (D) VERA – LUANA – KAREN – DÉBORA – ANA

QUESTÃO 6

NA HORA DO RECREIO, A TURMA ESTAVA LENDO O CARDÁPIO DA MERENDA ESCOLAR.



FONTE 1: http://www.quandonadaenoticia.blogspot.com.br/2008_03_01_archive.html

FONTE 2: <http://www.fotosearch.com.br/fotos-imagens>

ESTAMOS PRECISANDO COLOCAR MAIS DOIS ALIMENTOS NESTE CARDÁPIO. PRECISAMOS ACRESCENTAR

- (A) ALFACE E AZEITONA.
- (B) CENOURA E FEIJÃO.
- (C) MANTEIGA E QUEIJO.
- (D) RABADA E MILHO.

QUESTÃO 7

A PROFESSORA TROUXE PARA SALA DE AULA A MANCHETE DE UM JORNAL PARA LER COM OS ALUNOS.

The image shows the front page of the newspaper 'O Globo'. At the top, there is a green banner with 'oglobo.com.br'. Below it, the newspaper's name 'O GLOBO' is written in large white letters on a blue background. Underneath, there is a white banner with the date 'RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 2011 • ANO LXXXV • Nº 27.972' and the name 'ROBERTO MARRANGI (1114-2011)'. The main headline is 'Dilma inaugura hospital no Rio construído sem verbas federais'. To the left of the headline is a photograph of a landslide area with people and debris. Below the photograph is the sub-headline 'Deslizamentos mataram seis no estado' and a small text box with the text 'Prefeitura diz que chuva foi atípica e culpa cariocas por jogar lixo nas ruas'. To the right of the main headline is a small text box with the text 'Obra custou R\$ 40 milhões e a festa foi organizada por Cabral'.

Dilma inaugura hospital no Rio construído sem verbas federais

Obra custou R\$ 40 milhões e a festa foi organizada por Cabral

• A inauguração do Hospital da Mulher Heinen da Stadler, em São João de Meriti, virou ato de campanha da pré-candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, com a presença de cinco ministros. A obra de R\$ 40 milhões, no entanto, foi paga exclusivamente pelo governo do Estado do Rio. Organizada pelo governador Sérgio Cabral e políticos da Base da Projeção, a festa teve bandeiras do PT e do PDL. Dilma fez agradecimento e carregou o bolo de inauguração. Ela também fez campanha para Dilma em nome do estado. **Página 3**

Deslizamentos mataram seis no estado

Prefeitura diz que chuva foi atípica e culpa cariocas por jogar lixo nas ruas

• Depósito de lixo adobe caótico, com ruas alagadas, falta de luz e contaminação

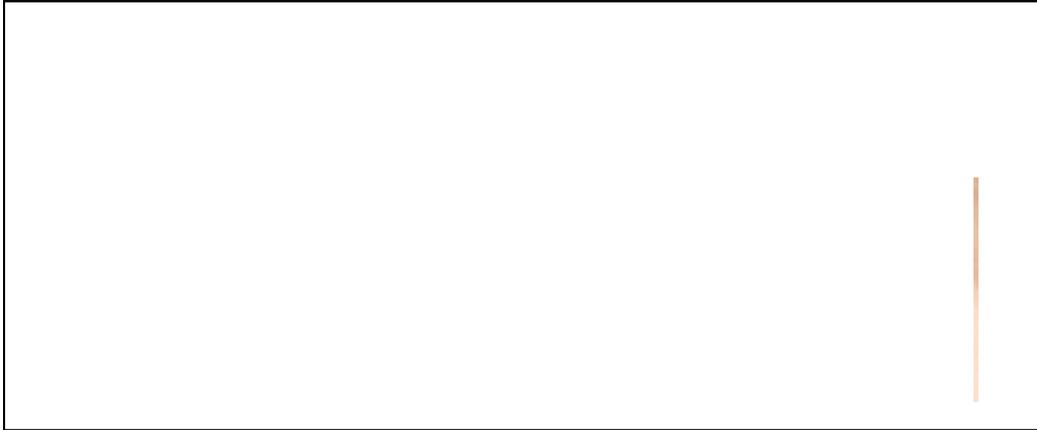
FONTE: http://www.manchetesdosjornais.com.br/manchetes/brasil/rj/rio/o_globo

ESTE TEXTO SERVE PARA

- (A) DIVULGAR NOTÍCIA DO DIA.
- (B) RESPONDER ADIVINHAS.
- (C) CONTAR UMA HISTÓRIA.
- (D) PREPARAR UM DOCE.

QUESTÃO 8

NA SAÍDA DA ESCOLA, MARIANA FOI LANCHAR.



MARIANA COMEU

- (A) HAMBÚRGER – REFRIGERANTE – BATATA FRITA.
- (B) MISTO QUENTE – SUCO - SORVETE.
- (C) SALGADO – CHÁ – FATIA DE TORTA.
- (D) PIZZA – LIMONADA – BRIGADEIRO.

QUESTÃO 9

FONTE: www.placasmidiaforte.com.br

AO OLHAR A PLACA, VOCÊ ENTENDE QUE A ORDEM DADA É

- (A) PERMITIDO ATRAVESSAR.
- (B) PROIBIDO ESTACIONAR.
- (C) PROIBIDO RETORNAR.
- (D) PERMITIDO BUZINAR.

QUESTÃO 10

A PROFESSORA DO 2º ANO CONTOU UMA PIADA PARA A TURMA.

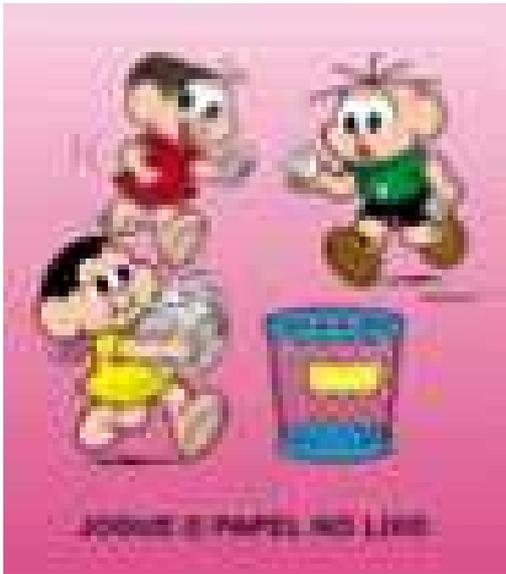
- QUAL É O FIM DA PICADA?
- QUANDO O PERNILONGO VAI EMBORA.



FONTE: SENNA, INSTITUTO AYRTON. Projeto Fórmula da Vitória. Piadas e Adivinhas. Básico, 2010.

DE ACORDO COM O TEXTO, O FIM DA PICADA ACONTECE QUANDO O PERNILONGO

- (A) FAZ UM MACHUCADO.
- (B) FICA CANSADO.
- (C) VAI EMBORA.
- (D) TEM FOME.

QUESTÃO 11

Fonte: <http://www.monica.com.br/institut/cartazes/welcome.htm>

O CARTAZ ALERTA O QUE DEVEMOS FAZER PARA

- (A) EVITAR DOENÇAS DE VERÃO.
- (B) MANTER O AMBIENTE LIMPO.
- (C) USAR O BANHEIRO.
- (D) CUIDAR DA ÁGUA.

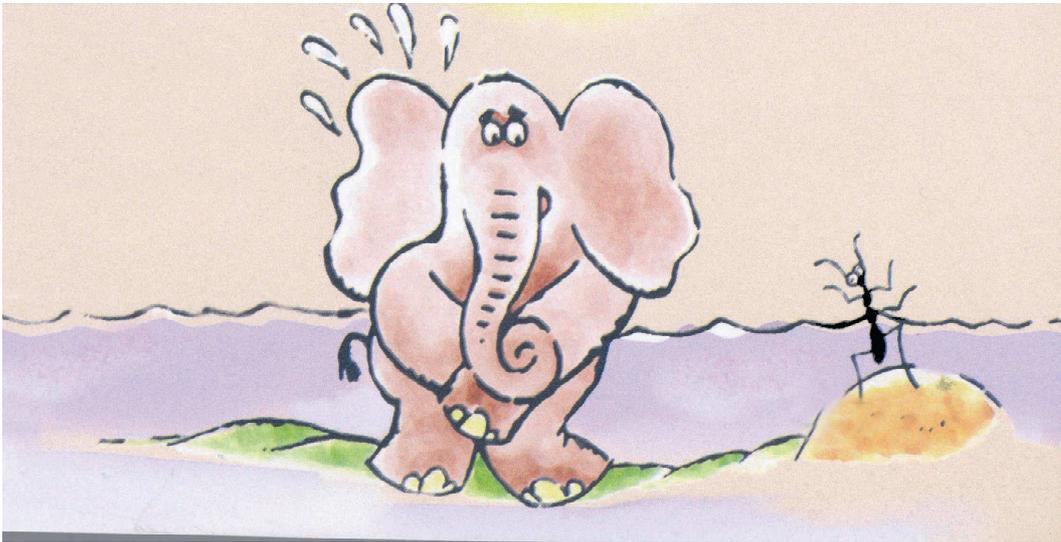
QUESTÃO 12**CONTE PARA SEUS AMIGOS**

UM ELEFANTE TOMAVA BANHO NO RIO, QUANDO A FORMIGUINHA GRITOU:

- SAIA DAÍ IMEDIATAMENTE!

O ELEFANTE SAIU DA ÁGUA E A FORMIGUINHA DISSE:

- ESTÁ BEM! PODE VOLTAR PARA O RIO. JÁ VI QUE NÃO FOI VOCÊ QUE ROUBOU O MEU MAIÔ!



FONTE: Rocha, Ruth. Almanaque Ruth Rocha. Ilustrações Alberto Linhares et al. São Paulo: Ática, 2005, p. 27.

QUANDO A FORMIGUINHA GRITOU QUE O ELEFANTE NÃO TINHA ROUBADO O MAIÔ DELA, A FORMIGUINHA QUIS DIZER QUE

- (A) O ELEFANTE ESTAVA TREMENDO DE FRIO.
- (B) O MAIÔ NÃO SERVIA PARA O ELEFANTE.
- (C) O ELEFANTE FICOU TRISTE.
- (D) O MAIÔ ERA COLORIDO.

QUESTÃO 13

FONTE: Rocha, Ruth. Almanaque Ruth Rocha. Ilustrações Alberto Linhares et al. São Paulo: Ática, 2005, p. 47.

A ILUSTRAÇÃO INDICA QUE AS CRIANÇAS ESTÃO

- (A) COM MUITA PRESSA.
- (B) COM MUITO MEDO.
- (C) COM MUITA RAIVA.
- (D) MUITO TRISTES.

.QUESTÃO 14

FONTE: Rocha, Ruth. Almanaque Ruth Rocha. Ilustrações Alberto Linhares et al. São Paulo: Ática, 2005, p.46.

NA ILUSTRAÇÃO ACIMA, É POSSÍVEL OBSERVAR A ROTINA DE UMA COMUNIDADE

- (A) RELIGIOSA.
- (B) ESCOLAR.
- (C) INDÍGENA.
- (D) MILITAR.

QUESTÃO 15



FONTE: www.supermercadosmundial.com.br

ESTE ENCARTE DE SUPERMERCADO SERVE PARA DIVULGAR
PREÇOS DE

- (A) BRINQUEDOS.
- (B) ALIMENTOS.
- (C) RECEITAS.
- (D) LIVROS.

ANEXO 10

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Educação
 Subsecretaria de Ensino

7ª Coordenadoria Regional de Educação

Gerência de Educação

Av. Ayrton Senna, nº2.001-BI.A-sala 9

Barra da Tijuca-Rio de Janeiro-RJ-CEP.:22.775-002

Telefone:(21)3325-4681-Correio Eletrônico:gedcre07@pcrj.rj.gov.br

Circular E/SUBE/7ª CRE/GED N.º 661

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2011.

ASSUNTO: PROVA DE PRODUÇÃO TEXTUAL – 4º BIMESTRE

Sr(a) Diretor(a) da E/ SUBE/CRE (07._____._____)

Encaminhamos a Circular E/SUBE/CED nº 150 que trata sobre a prova de produção textual do 4º bimestres, para a qual solicitamos atenção.

Atenciosamente,
 Nedi Costa
 Gerente de Educação



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

Rua Afonso Cavalcanti, nº 455 – sala 301– BI.1 – CASS

Cidade Nova – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20211-901

Telefone: (21) 2976-2301/2976.2313 – Correio Eletrônico: cedsme@pcrj.rj.gov.br

Circular E/SUBE/CED nº 150

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2011.

Assunto: Avaliação de “Produção de Texto” sobre livro lido, no 4º bimestre.

Sr(a). Coordenador(a) de E/SUBE/CRE,

Sr(a). Gerente de E/SUBE/CRE/GED,

Sr(a). Diretor(a) de Unidade Escolar,

Apresentamos, em anexo, todas as informações relativas à avaliação de “**Produção de Texto**” sobre livro lido, parte integrante do Projeto Jovens Leitores, a ser desenvolvida no 4º bimestre.

Esta avaliação, que faz parte das Provas Bimestrais, poderá ser aplicada **de 07 a 18 de novembro**, de forma a proporcionar maior tempo para sua correção.

Seguem, também, os **critérios de correção** das produções escritas dos alunos, **nos quais houve algumas alterações**. Lembramos que há critérios diferenciados, dependendo do grupamento a que se destinam: há um arquivo para o 2º Ano, outro para o 3º Ano e outro ainda para o 4º ao 9º Ano.

Enfatizamos a importância tanto da leitura de livros quanto da produção de textos para a formação dos alunos.

Antonio Augusto Alves Mateus Filho

Assistente I da E/SUBE/CED

Matr. 11/019298-9



PREFEITURADA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

PROVA BIMESTRAL

CRITÉRIOS PARA CORREÇÃO DA PRODUÇÃO DE TEXTO (2º Ano)

ASPECTOS	INDICADORES	PONTUAÇÃO
1. TÍTULO (Questão 1)	Identificar elementos de apresentação de um livro: título.	Escreve corretamente o título integral do livro = 2,5 Escreve integralmente, mas com incorreções o título do livro = 2,0 Escreve correta, mas parcialmente o título do livro = 1,5 Escreve parcial e incorretamente o título do livro = 1,0 = 0,5 Não atende = 0
2. DESENHO (Questão 2)	Demonstrar compreensão da história lida, por meio de um desenho.	1) O desenho permite perceber, com clareza, de que trata a história do livro = 2,5 2) O desenho permite perceber, com algumas falhas na clareza, de que trata a história do livro = 2,0 3) O desenho mostra uma cena não essencial da história = 1,5 4) O desenho mostra, apenas, algum personagem da história = 1,0 5) Há um desenho, mas sem relação com a história do livro = 0,5 6) Não consegue realizar o desenho = 0
3. COESÃO TEXTUAL (Questão 3)	Demonstra conhecer a sequência de uma história.	1) Organiza as frases na sequência correta da história = 2,5 2) Organiza as frases com alguma falha na sequência da história = 2,0 3) Escreve frases soltas, mas pertinentes sobre o enredo da história = 1,5 4) Escreve frases sobre personagem ou detalhe da história = 1,0 5) Escreve frases que não têm a ver com a história = 0,5 5) Não escreve frase(s). = 0,0

<p>4. ADEQUAÇÃO O VOCABULAR (Questão 3)</p>	<p>Utilizar a escrita como sistema de representação, respeitando os seguintes aspectos do código linguístico:</p> <p>1) uso adequado do vocabulário;</p> <p>2) ortográficos - relação grafema/fonema; espaçamento entre palavras, uso de maiúsculas; acentuação.</p> <p>3) pontuação – ponto final, exclamação, interrogação, vírgula.</p> <p>4) concordância nominal e verbal (relações morfossintáticas).</p>	<p>1) Demonstra <u>bom</u> domínio do código linguístico, respeitando os aspectos ortográficos, de pontuação e de concordância na organização das frases = 2,5</p> <p>2) Demonstra <u>bom</u> domínio do código linguístico, apresentando, eventualmente, na organização das frases, dificuldades nos aspectos ortográficos, de pontuação ou de concordância = 2,0</p> <p>3) Demonstra <u>razoável</u> domínio do código linguístico, com algumas dificuldades nos aspectos ortográficos, de pontuação e de concordância = 1,5</p> <p>4) Demonstra <u>razoável</u> domínio do código linguístico, mas com muitas dificuldades em todos os aspectos = 1,0</p> <p>5) Demonstra conhecimento <u>reduzido</u> do código linguístico, com dificuldade na organização das frases = 0,5</p> <p>6) Não utiliza o alfabeto como conjunto de símbolos próprios da escrita (garatujas, escrita primitiva...) = 0,0</p>
--	---	---